

Jasinda Wilder

LOUCO
POR
VOCÊ

Tradução
Leonardo Castilhone



PARTE UM

O Passado

NELL



Capítulo 1

Melhores amigos para sempre...
Ou só melhores amigos?

Setembro

*E*u nem sempre fui apaixonada por Colton Calloway; antes eu era apaixonada por seu irmão mais novo, Kyle.

Kyle foi meu primeiro amor. Meu primeiro amor em todos os sentidos.

Cresci perto dos Calloway. Kyle e eu tínhamos a mesma idade, nossas mães nos tiveram no mesmo hospital, separados por dois quartos, separados por dois dias. Kyle era o mais velho, o que me deixava irritada. Apenas por dois dias, mas já era o bastante para Kyle achar que era superior a mim e ficar implicando comigo impiedosamente. Quando éramos bebês, brincávamos no mesmo cercadinho na casa da mãe dele. Dividíamos bloquinhos e bonecas (o Kyle brincava de bonecas tanto quanto eu até por volta dos três anos, o que me dava o direito de implicar com ele impiedosamente). Aprendemos a andar de bicicleta juntos; inclusive, foi o meu pai quem nos ensinou, já que o sr. Calloway era deputado e viajava demais. Nós estudávamos juntos, fazíamos lição de casa juntos. Éramos melhores amigos antes de qualquer coisa. Acho que tanto ele quanto eu tínhamos a impressão de que ficaríamos juntos.

Não era nada combinado, necessariamente, apenas... impressão. O pai dele, o talentoso deputado; meu pai, o CEO, o empresário de megassucesso. Seus filhos lindos e perfeitos juntos? Bom, oras... Eu sei que isso parece arrogante ou sei lá o quê, mas é a verdade. Não sou perfeita,

é claro. Tenho alguns defeitos. Meus quadris são muito largos para a minha altura, e meus seios um pouco grandes demais para a minha estrutura, mas não estou nem aí. Eu sei como sou, mas juro que não me vanglorio disso.

Não pensávamos na hipótese até o segundo ano do colegial. Até aquele ponto, éramos amigos, melhores amigos, mas *só* amigos. Nunca fui daquele tipo de menina que fica maluca só de ver um garoto. Em primeiro lugar, meu pai conservador jamais permitiria; segundo, eu não tinha permissão para namorar até completar dezesseis anos. Então, na semana depois dos meus queridos dezesseis, Jason Dorsey me chamou para sair. Jason era o vice-campeão no quesito perfeição completa para estar comigo. Ele era loiro, enquanto que Kyle era moreno; tinha um tipo mais musculoso do que o estilo delgado mas definido de Kyle; e Jason não era tão inteligente ou charmoso quanto Kyle, mas, na época, fiquei um pouco dividida.

Eu nem sequer hesitei quando o Jason me perguntou se podia me levar para jantar após a escola. Bem... óbvio, não? Quase todas as garotas do colegial sonhavam com Jason ou Kyle as chamando para sair, e eu, além de melhor amiga de Kyle, iria sair com Jason. Ele fez o convite na frente do meu armário, onde sempre estava cheio de gente, portanto foi uma coisa pública. Todas as meninas viram e posso dizer que ficaram com *muita* inveja.

Depois da sexta aula, como sempre, encontrei com o Kyle, que estava em seu Camaro turbinado, e ele saiu correndo, cantando os pneus. Kyle geralmente dirigia como se estivesse numa perseguição em alta velocidade, mas ele era um motorista habilidoso, portanto eu nunca ficava com medo. O pai dele teve o cuidado de matriculá-lo em cursos de direção defensiva com um agente do FBI de verdade, e, por conta disso, Kyle conseguia despistar a maioria dos policiais do Distrito Policial local.

— Adivinha só? — perguntei, toda animada, enquanto Kyle fazia uma curva à esquerda para uma estrada de terra, que era caminho para o nosso bairro.

Kyle me olhou de esguelha, levantando a sobrancelha, então eu peguei e apertei o bíceps dele, e em um grito agudo disse:

— Jason Dorsey me chamou para sair! Ele vai me levar para jantar essa noite!

Kyle quase perdeu a direção do carro. Ele pisou fundo nos freios e girou o carro num cavalo de pau na estrada de terra que levava até nossas casas. Kyle virou-se no banco de couro, com um dos braços apoiados no encosto de cabeça do meu assento, e os olhos em chama.

— O que você acabou de dizer? — Ele parecia irritado, o que me deixou confusa. — Porque eu poderia jurar que você acabou de dizer que o Jason chamou você para sair.

Senti como se estivesse fazendo algo de errado pela intensidade do olhar e da voz dele.

— Eu... ele chamou? — Saiu como se fosse uma pergunta, tímida e perplexa. — Ele vai... vai me pegar às sete. Vamos ao restaurante Brann. Por que você está agindo assim?

— Por que eu estou...? — Kyle rangeu os dentes, olhou para os lados e depois esfregou o rosto com as mãos. — Nell, você não pode sair com o Jason.

— Por que não? — Agora que eu estava superando o choque do súbito ataque de raiva de Kyle, fiquei magoada, mais confusa do que nunca e irritada. — Ele é legal e bonitinho. E é o seu melhor amigo, então qual é o problema com ele? Estou *animada*, Kyle. Ou estava. Ninguém jamais me chamou para sair, e finalmente tenho permissão para isso, agora que fiz dezesseis anos, e você fica aí todo raivoso. Não estou entendendo. Você deveria estar *feliz* por mim.

O rosto de Kyle se contorceu e eu pude notar uma meia dúzia de emoções percorrerem as belas feições dele. Ele abriu a boca, depois a fechou de novo. Em seguida, resmungou algum palavrão, escancarou a porta, lançou-se para fora do carro, bateu a porta e saiu andando pelo milharal do sr. Ennis.

Eu não sabia o que fazer, pois estava mais confusa do que nunca. Pareceu, um pouco antes de se afastar bruscamente, que ele estava com ciúme. Será que ele estava com ciúme? Então por que *ele* não me chamou para sair? Soltei meu rabo de cavalo e o preendi de novo; minha cabeça girava tão rápido que eu mal podia respirar.

Kyle? Eu fazia tudo com o Kyle. Tudo. Almoçávamos juntos todos os dias. Fazíamos caminhadas e piqueniques, longos trajetos de bicicleta que terminavam com um sorvete no Dairy Queen. Faltávamos aos coquetéis mensais que o pai dele promovia para beber vinho roubado nas docas atrás da minha casa. Uma vez ficamos alegriños e fomos nadar pelados.

Eu tinha a lembrança de ver o Kyle por trás, enquanto ele colocava a cueca, e sentir um friozinho na barriga ao ver o bumbum dele. Naquela ocasião, atribuí a sensação ao fato de eu estar bêbada. É claro que eu também fiquei sem roupa, e o jeito com que o Kyle olhava para mim me deixou ainda mais sem graça. Na época, gritei para que ele parasse de ficar me olhando daquele jeito, e ele virou as costas. Ele fez questão de ficar com a água pela cintura, mas hoje não consigo deixar de pensar se não era para esconder a reação dele ao me ver nua. Inclusive, ele foi bastante cuidadoso em manter certa distância enquanto nadávamos, apesar de, normalmente, sermos bastante próximos fisicamente; sempre estamos nos abraçando, provocando um ao outro, fazendo guerra de cócegas, as quais Kyle sempre ganhou.

De repente, comecei a ver tudo de um modo diferente.

Kyle? Ele era o meu melhor amigo. Evidentemente, eu tinha amigas mulheres. Jill e Becca e eu íamos à manicure todas as semanas, e depois saíamos para tomar *milk shake* no Big Boy. Mas quando eu estava com raiva ou chateada, ou quando eu brigava com os meus pais, ou quando eu tirava uma nota ruim, ou quando acontecia *qualquer* outra coisa, eu procurava o Kyle. Sentávamos à beira das docas e ele tirava o meu mau humor. Ficava me abraçando e me apertando até eu me sentir melhor. Adormeci nos braços dele nas docas milhares de vezes, também pegava no sono no sofá dele assistindo a algum filme. No sofá dele, no colo dele. Apoiada no peito dele com o braço por cima de mim.

Isso não é o tipo de afeição que se tem por um melhor amigo, certo? Mas nós nunca nos beijamos, nunca andamos de mãos dadas como um casal de namorados. E quando alguém perguntava, o que ocorreu diversas vezes, sempre dizíamos: “Não, não estamos saindo, somos melhores amigos”.

Mas éramos mais que isso?

Meu Deus, que confusão!

Saí do carro e fui atrás do Kyle. Apesar de já estar fora de alcance, eu sabia para onde ele estava indo. Havia um monte do outro lado do campo de milho do sr. Ennis onde costumávamos ir para conversar. Dava para ver a cidade toda daquele ponto, assim como o riacho prateado e a trilha escura que cruzava a floresta.

Kyle estava na metade do caminho que levava até o pinheiro destruído por um raio que coroava o alto do monte. Havia um galho grosso e com cerca de seis metros de comprimento, fácil de escalar, onde frequentemente nos sentávamos juntos, ele encostado no tronco e eu encostada no peito dele. Fiquei num galho abaixo de Kyle esperando. Ele enroscou o pé no galho, estendeu a mão e me puxou como se eu fosse uma boneca, colocando-me à frente dele. Essa posição, agora, assumia outro significado. Dava para sentir o coração dele quase pulando do peito. Ele estava com a respiração ofegante e cheirava a suor. Ele devia ter subido o morro correndo.

Apoiei a cabeça no ombro dele e olhei para seu perfil que parecia esculpido de tão belo, banhado a ouro pelo sol do fim de tarde. As sobran-celhas estavam franzidas e a mandíbula tensa. Ele ainda estava chateado.

— Kyle... fale comigo. Eu não...

— Não o quê? Entende? É claro que você entende. — Ele me olhou, depois fechou os olhos e virou o rosto. Como se doesse olhar para mim.

— Nós somos melhores amigos, Kyle. Se existe algo além disso para você, conte para mim.

— Para mim? — Ele deu uma pancada com a cabeça contra a árvore. — Sei lá, Nell. Eu... claro que somos melhores amigos, acho que por predefinição. É que nós crescemos juntos, certo? Passamos muito tempo juntos e dizemos a todo mundo que é só isso, mas...

— Mas o quê? — Senti meu coração saltar pela boca. Isso podia mudar tudo.

Ele enroscou entre os dedos um cacho dos meus cabelos loiros.

— E se houvesse mais? Entre nós?

— Mais? Tipo, *juntos*?

— Por que não?

Senti um ímpeto de raiva.

— “Por que não?” Você está falando sério mesmo, Kyle? Essa é a resposta que você me dá?

Eu deslizei pelo galho, dependurei-me pela perna e pulei para o outro galho que estava mais abaixo.

Em segundos, consegui sair da árvore e corri pelo campo de milho. Pude ouvir Kyle me chamar lá de trás, mas não dei ouvidos. Minha casa estava a cerca de oitocentos metros dali, então fui correndo. Abri a porta com tanta força que a casa estremeceu, assustando minha mãe de tal maneira que ela acabou deixando cair um copo. Ouvi o barulho do vidro estilhaçando no chão e minha mãe xingando, depois bati a porta do meu quarto e me joguei na cama, soluçando de tanto chorar. Segurei o choro por todo o caminho; mas no santuário do meu quarto, eu podia me soltar.

— Nell? O que aconteceu, meu anjo? — disse a voz da minha mãe do outro lado da porta, preocupada e afável.

— Eu não... eu não quero falar nisso.

— Nell, abra a porta e fale comigo.

— Não!

Ouvi a grave voz masculina de Kyle aproximar-se da minha mãe. Ela disse:

— Nell? O Kyle está aqui.

— Não quero vê-lo. Faça-o ir embora.

Escutei minha mãe falando com o Kyle, dizendo que ela iria falar comigo e que tudo ia ficar bem. Mas não ia. Eu não entendia bem por que exatamente eu estava chorando tanto. Eu estava confusa de uns cem jeitos diferentes.

Fiquei empolgada porque iria sair com Jason. Ou, pelo menos, *tinha ficado* empolgada. Tentei imaginar a mão do Jason na minha, o braço dele em volta da minha cintura. Tentei me imaginar beijando o Jason. Só de pensar naquilo senti aflição e afugentei a cena da minha cabeça, quase com enjoo daquilo. Então por que eu havia ficado tão feliz? Só por que um garoto bonitinho havia me chamado para sair? Talvez. Acho que era do conhecimento de todos que Nell Hawthorne estava fora do alcance

de qualquer um. Fui convidada para sair antes, no ano passado quando fiz quinze anos, para ir ao baile dos ex-alunos. Aaron Swarnicki. Bonitinho, mas chatinho. O papai ficou uma fera e disse que eu não podia sair com ele. Eu podia ir ao reencontro, mas só isso. A notícia se espalhou; a mensagem era implícita, mas bem clara: *Nell está fora de alcance*. Ninguém mais me chamou para sair depois disso. O papai era uma figura bastante influente na cidade. Só o pai do Kyle era mais importante que ele, e isso porque ele era deputado federal. O papai era dono de vários prédios comerciais na cidade e de muitos outros nas cidades vizinhas. Além disso, fazia parte do Conselho Municipal e tinha o apoio do prefeito e do governador. Por meio do sr. Calloway, ele também tinha acesso a figuras políticas nacionais. Isso quer dizer que ninguém iria querer cruzar o caminho de Jim Hawthorne. Agora que vejo, é estranho pensar no assunto. Talvez o papai tenha dito alguma coisa ao garoto que havia me chamado para sair.

Meus pensamentos voltaram para Kyle. Para a reação radical e repentina dele em virtude de Jason ter me chamado para sair. Para o jeito que ele olhou para mim na árvore.

Para a minha própria reação ao “por que não” dele.

“Por que não?” Isso era o melhor que ele podia falar? Comecei a ficar irritada de novo e não conseguia evitar, mesmo sabendo que isso não fazia sentido. Eu não queria que ele sáísse comigo *simplesmente por sair*. Eu queria que aquilo significasse alguma coisa.

Tentei me imaginar com Kyle de um jeito *além*, o que quer que isso quisesse dizer. Era fácil imaginar nossos dedos entrelaçados. Jantares à luz de velas. Meu rosto no peito dele, os lábios dele descendo até os meus até o sol se pôr atrás de nós...

Disse a mim mesma para deixar de ser tão melodramática. Mas... não conseguia tirar aquela cena da cabeça. Quase podia sentir os braços de Kyle nas minhas costas, as mãos dele envolvendo a minha cintura, passando perigosamente perto do meu bumbum. Podia sentir aquela vontadezinha de que as mãos dele fossem um pouco mais para baixo. Quase dava para sentir os lábios dele, quentes, suaves e molhados, deslizando pelos meus...

Fiquei com as bochechas coradas e me contorci na cama, rolando de barriga para cima e enxugando o rosto.

O que havia de errado comigo? De repente comecei a fantasiar com Kyle?

Eu precisava sair. Precisava correr. Arranquei o uniforme do colégio e coloquei o short de corrida, o sutiã de ginástica, uma camiseta regata, as meias soquetes, meu Nike e peguei o meu iPod. Correr, geralmente, desanuviava minha mente, e isso era o que eu precisava naquele momento.

Enfie os fones no ouvido enquanto descia as escadas e saí desenfreada pela porta da frente, fingindo que não tinha ouvido minha mãe chamar por mim. Selecionei a minha lista de corrida, ou seja, todas aquelas músicas pop, bobas, vazias e agitadas que não me deixam pensar em nada. Alonguei-me rapidamente e fui fazer a minha corrida básica de oito quilômetros.

Passei na frente da casa do Kyle e me xinguei mentalmente por não ter lembrado desse detalhe. Ele esperava por mim, com os fones de ouvido, sem camisa e usava apenas um short de ginástica. Já o vi daquele jeito milhares de vezes, o abdômen esculpido refletindo o sol, uma linha escura de pelos que desciam pelo meio da barriga até desaparecer no short. Porém, dessa vez, tive de engolir em seco com aquela visão. Para falar a verdade, eu sabia que o Kyle era *muito gostoso*. Sempre notei isso nele e sempre gostei disso também. Poxa, eu era uma adolescente de dezesseis anos, cheia de hormônios, com uma atração saudável por um homem muito sensual. É só que eu nunca tinha pensado no Kyle *daquele* jeito. Tipo... como um objeto de desejo.

Como eu não diminuí a velocidade, ele correu para me acompanhar, e os nossos passos sincronizaram-se naturalmente. Até a respiração coordenada com a passada sincronizou-se na mesma hora.

Não conversamos e não nos olhamos. Só corremos. Um quilômetro e meio, três quilômetros, depois nós dois começamos a competir. Forcei o passo e ele me alcançou, e em seguida ele forçou ainda mais. Depois recuperamos o fôlego. Passamos pela árvore retorcida que marcava os cinco quilômetros, já com a respiração ofegante, suando sem parar. Forcei-me a olhar para a estrada em frente, tentei esvaziar meus pensamentos, com Lady Gaga ao fundo. Corre, corre, corre, respire e foque, balance os bra-

ços. Não olhe para o Kyle. Não olhe para o fio de suor escorrendo pelo peito dele, não veja a gota prestes a cair de um dos mamilos daquele peitoral definido, não imagine que vá lamber aquela gotícula quando ela tocar as ondas de seu abdômen.

Merda! De onde veio essa imagem? Lamber o Kyle? *Acorda, Nell. Acorda para a vida.* Aquela autocensura não ajudava em nada. A imagem agora estava gravada na minha mente. Kyle, de barriga para cima, deitado num gramado. O suor percorrendo sua pele bronzeada, o cabelo molhado e bagunçado. Olhava e tocava o peito dele com os lábios, depois lambia o fio reluzente de líquido salgado.

Ai, meu Deus, ai, meu Deus... *Ai meu Deus.* Isso era ruim. Não eram bons pensamentos. Não eram pensamentos inocentes. Não eram pensamentos que se tem por um melhor amigo. Eu era virgem. Nunca lambi ninguém. Nem cheguei a beijar alguém. Claro que já vi alguns filmes proibidos para menores com a Jill e a Becca, e toda hora assistíamos escondidas à série *True Blood*. Então... nós sabíamos como tinha de ser, e eu tinha as minhas próprias fantasias e devaneios, mas... com o *Kyle*?

Parecia que eu estava incorporando a “tensão” entre Sookie e Eric. Só que o Kyle estava mais para Bill...

Tirei aquelas bobagens da cabeça, Kyle estava alguns passos atrás de mim, e corri com toda minha força, os braços balançando intensamente. Forcei até o limite, corri mais rápido, tentando arrancar da cabeça aquelas cenas e o súbito desejo ridículo pelo meu melhor amigo... então apenas corri. As pernas pareciam uma gelatina, a respiração ofegante e urgente, a vista embaçada, desespero no lugar do sangue, confusão no lugar de oxigênio... esse tipo de corrida.

Kyle entrou no meu campo visual, acompanhando meu ritmo, deu um gás maior e me ultrapassou, mais rápido do que eu podia aguentar. Ele alcançava a velocidade de um jogador de futebol americano aos dezesseis anos de idade que já estava sendo sondado por três grandes universidades dos Estados Unidos.

Tropecei, diminuí o ritmo, parei e me curvei, apoiando as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. O Kyle parou uns quatro metros à

minha frente fazendo a mesma coisa. Estávamos no alto de uma montanha, a floresta à nossa esquerda, as casas tinham ficado alguns quilômetros para trás, o vale com a nossa árvore à direita. Flores silvestres agitadas pela brisa, que refrescava o calor do início de setembro. Comecei a caminhar, tirei a regata por cima do top e enxuguei meu rosto com ela.

Parei de andar de novo, com a cabeça para trás, procurando acalmar minha respiração. Tombei a cabeça mais para trás e amarrei a camiseta sobre os olhos para absorver o suor que escorria da minha testa.

— Você deveria se alongar — murmurou Kyle, a poucos centímetros de mim.

Fiquei inquieta ao som da voz dele, com aquela proximidade repentina. Meu coração começou a bater forte de novo, dessa vez mais por nervosismo do que por esforço. O que era uma imbecilidade. Era o Kyle ali na minha frente. Ele sabia tudo sobre mim. Ele já tinha me visto nua.

Só que aquela era a pior coisa que eu poderia ter pensado naquele momento. Tirei a camiseta dos meus olhos e o vi olhando para mim, com a expressão intensa mas indecifrável. A respiração dele era profunda e arrastada, e eu sabia que se não fosse cuidadosa, poderia acabar me convencendo de que ele não estava ofegante só por ter corrido.

Umedeci os lábios, e os olhos dele acompanharam o trajeto da minha língua. Ruim. Muito ruim.

— Kyle... — comecei, percebendo então que eu não sabia o que dizer.

— Nell. — Ele soou calmo e confiante. Despretensioso. Mas seus olhos... os olhos dele o traíam.

Ele se afastou, curvou o corpo para frente com os pés juntos e começou a se alongar. O clima havia sido quebrado e eu também me afastei para me alongar. Quando nós dois terminamos, sentamo-nos na grama, e eu sabia que não dava mais para evitar aquela conversa. Para disfarçar o meu nervosismo, soltei o rabo de cavalo e sacudi o cabelo.

Kyle respirou profundamente, olhou ansioso para mim e, em seguida, fechou os olhos com força.

— Nell, olha só. Quando eu disse “por que não”, aquilo foi... foi muito idiota. Não era isso o que eu queria dizer. Desculpe-me. Imagino como aquilo deve ter parecido para você. Eu estava tão irritado e confuso...

— Confuso?

— Sim, confuso! — disse Kyle, quase gritando. — Toda essa história entre nós hoje está sendo *confusa*. Quando me disse que o Jason havia chamado você para sair, eu, sei lá... Foi como se algo dentro de mim tivesse... perdido o rumo. Visualizei você com ele, talvez até o beijando, e eu... não. Só, não.

Ele esfregou o rosto e deitou de costas na grama, olhando fixamente para o céu azul, com tiras brancas de nuvens dispersas, tingido pelo laranja do pôr do sol.

— Eu sei como isso deve parecer, mas... quando pensei na cena dos braços do Jason à sua volta, os lábios dele tocando você... não dava para aguentar. Pensei: “De jeito nenhum! A Nell é minha!”. Foi quando eu saí correndo. Não conseguia entender por que eu de repente havia me tornado tão possessivo. Ainda... não sei de onde está vindo tudo isso.

— Eu também não. Quero dizer, fiquei surpresa com o jeito que você reagiu, mas após ir para casa e me imaginar estando de fato com o Jason, eu... aquilo não era mesmo para mim. Eu não conseguia imaginar a situação.

— E você ainda vai sair com ele?

Fiz uma pausa.

— Não sei. Acho que não.

Kyle olhou para mim e puxou o seu iPhone do bolso pelo fio do fone de ouvido.

— Mas ele sabe disso?

Minha respiração parou. Eu me esqueci de ligar para ele cancelando.

— Que merda, não, ele não sabe.

Os lábios do Kyle esboçaram um sorriso.

— Então é melhor ligar para ele, não acha? Ele deve estar se perguntando onde você está.

Olhei para o meu iPod: 18h54.

— Posso usar o seu telefone?

Ele procurou o telefone do Jason na lista de contatos, arrancou os fones e me entregou o aparelho. Apertei “Chamar” e coloquei o telefone

no ouvido, a capa de borracha ainda úmida e quente por causa da mão do Kyle.

Eis que surge a voz exuberante do Jason.

— E aí, Kyle, meu garoto! Tudo beleza?!

Engoli em seco.

— Na verdade, Jason, é a Nell. Estou ligando do telefone do Kyle... Eu... eu esqueci o meu.

— Esqueceu o seu? Onde você está? Estou estacionando agora mesmo na frente da sua casa. — A voz amigável e empolgada dele de antes ficou com um tom confuso.

— Olha só, sinto muito, mas eu não posso sair com você.

Pairou um longo silêncio.

— Ah, entendi. — De repente a voz dele ficou desanimada e quase pude imaginar as feições dele se desmanchando. — Está tudo bem? Quer dizer...

— Eu só... acho que eu fui precipitada em ter aceitado sair com você, Jason. Desculpe-me. Não acho... não acho que daria certo.

— Então essa ligação não é para remarcar para outro dia, né?! — As palavras insinuavam uma pergunta, mas o tom era de afirmação, tenso, sério.

— Não. Mil desculpas.

— Tudo bem, eu acho. — Ele riu com uma gargalhada meio forçada. — Que merda, não. Não, não está tudo bem. Está tudo meio estranho, Nell. Eu estava tão animado.

— Sinto muito, *muito* mesmo, Jason. Eu só percebi, depois de pensar muito no assunto... Quer dizer, fico lisonjeada, e eu tinha ficado muito feliz com o seu convite, mas...

— Isso tem a ver com o Kyle, não tem? Você está com ele, no telefone dele, então é claro que tem a ver com ele.

— Jason, não é... aliás, é, estou com ele agora, mas...

— Tudo bem, eu já entendi. Acho que todo mundo já sabia disso, então não tem por que eu ficar surpreso. Apenas preferia que você tivesse me falado antes.

— Jason, me desculpe. Não sei mais o que dizer.

— Não há nada para dizer. Está tranquilo. Eu só... sei lá. Vejo você na aula de Química, segunda-feira.

Ele estava prestes a desligar, quando tive uma inspiração repentina.

— Jason, espere.

— Que foi? — A voz dele estava triste e sisuda.

— Não sei se eu deveria contar isso para você, mas... A Becca tem uma queda por você desde a sétima série. Garanto que ela sairia com você.

— A Becca? — Percebi que ele estava considerando a ideia. — Mas não seria esquisito? Digo, o que eu diria? Ela iria achar que era minha segunda opção ou algo parecido. Bem, não deixa de ser verdade, mas não *desse* jeito, sabe?

Pensei rapidamente no assunto.

— Fale para ela a verdade. Eu dei o bolo em você na última hora. Você já tinha reservas e eu disse que ela iria gostar de ir com você.

— Você acha que vai funcionar? Sério? — Deu para perceber um novo ânimo na voz dele, a animação havia voltado. — Ela é bem gata.

— Vai dar certo. Ligue para ela. — Passei a ele o número dela e ele repetiu para confirmar.

— Obrigado... eu acho. Mas, Nell? Da próxima vez que você for partir o coração de um cara, dê mais indícios disso, está bem?

— Não seja ridículo, Jason. Eu não parti o seu coração. Nós nem tínhamos saído juntos ainda. Mas eu sinto muito *mesmo* de ter avisado você desse jeito.

— Fique tranquila. Além do mais, acho que pode rolar alguma coisa entre mim e Becca. Ela é quase tão gostosa quanto você. Espere, merda, isso não saiu pela minha boca. Não conte para a Becca que eu disse isso. Vocês são gostosas do mesmo jeito, eu só...

Não consegui fazer outra coisa senão rir.

— Jason? Cale a boca. Ligue para a Becca.

Apertei “Encerrar” e devolvi o telefone para o Kyle. Ele ficou olhando para o telefone.

— Essa foi sagaz, Nell. Tenho de admitir. — Ele me olhou meio perplexo. — A Becca tem mesmo uma queda por ele?

Eu ri novamente.

— E como. Ela é loucamente apaixonada por Jason Dorsey desde... bom, eu falei para ele que era desde a sétima série, mas faz muito mais tempo que isso. Bem mais. Tipo... desde a quarta série. Desde sempre. Outra razão pela qual eu nunca deveria ter aceitado o convite dele, eu só estava... Eu fiquei empolgada, Kyle. Ser chamada para sair por garotos bonitos é importante, e você e o Jason são os dois garotos mais bonitos de toda a escola.

Kyle escancarou um sorriso para mim, duvidoso e malicioso.

— Você me acha bonito?

Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Entrei em apuros. Não podia mais olhar nos olhos dele. A grama de repente ficou *muito* interessante.

— Você sabe que é um gato, Kyle Calloway, então para de querer ficar ouvindo elogios. — Tentei a jogada do desviar a atenção com uma brincadeira sedutora, na esperança de que ele fosse ignorar o fato de que eu estava quase explodindo de tão vermelha.

Não adiantou nada.

— Você está quase explodindo, Nell. — A voz dele estava perto demais. A respiração dele estava quente no meu pescoço.

O que estava acontecendo? O que ele estava fazendo?

Olhei para cima e os olhos do Kyle estavam a poucos centímetros do meu. Ele estava deitado de lado e seus dedos vieram de encontro aos meus. De repente, minha respiração travou. Ele colocou o meu cabelo por trás da orelha e eu não conseguia pensar em outra coisa senão em seu corpo escultural, naqueles olhos penetrantes, na mão dele no meu cabelo, naquela boca e naqueles lábios tão próximos dos meus, a ponta da língua vindo em minha direção. A partir daquele instante, Kyle virou outra pessoa, alguém diferente. Não o garotinho com quem cresci, mas um jovem com traços, olhos e mandíbula próprios da idade, porém com um olhar intenso, maduro, quase faminto.

Eu não conhecia esse Kyle, mas eu gostava dele. Queria conhecê-lo.

A eletricidade percorreu o meu corpo fazendo meus olhos se fecharem; um impulso tirou meu fôlego quando Kyle pressionou sua boca na

minha. Um calor úmido e uma energia sutil me arrepiaram, a surpresa deu espaço ao fascínio, ao prazer.

O Kyle estava me *beijando*. Meu Deus, meu Deus... *Ai meu Deus*. Eu gostei, e *muito*. Meu primeiro beijo.

Fiquei sem ar, incapaz de me mexer por conta da incrível sensação dos nossos lábios se tocando. Estranho porém perfeito, instigante, inseguro. Ele se afastou e me deixou sem fôlego, sofrendo com a ausência do beijo dele.